

**THE
KILLING II**
D A V I D H E W S O N

Tradução de
Rodrigo Abreu

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2021

Prefácio por Søren Sveistrup, criador da série de TV vencedora do prêmio BAFTA, *The killing*

Escrever a série de TV *The killing* foi um projeto muito especial para mim. Enquanto coloco estas palavras no papel agora, *The killing III*, o último ano da série, está sendo exibido na Dinamarca e é empolgante saber que o público do Reino Unido espera ansiosamente por sua exibição iminente na BBC.

Quando a ideia de um livro da série foi proposta pela primeira vez, fiquei interessado em ver como funcionaria e tenho certeza de que havia pessoas que provavelmente ficaram céticas quanto a converter uma série de TV em um livro. No entanto, editoras inglesas se mostraram interessadas e houve um leilão muito disputado entre dez delas pelos direitos literários. Para a editora obter sucesso era vital escolher um escritor que pudesse fazer justiça à série, alguém que conseguisse entrar na mente de Sarah Lund e que passasse um tempo absorvendo a cultura dinamarquesa e conhecendo Copenhague. David Hewson provou ser essa pessoa. E parece que o resto do mundo concorda; pois os direitos até aqui já foram vendidos para dez países.

Todos sabemos que o que funciona na tela nem sempre funciona no papel e vice-versa — e dessa forma haveria cenas que precisariam ser alteradas no livro. David me visitou em Copenhague e discutimos sobre elementos da trama e a respeito do que ele poderia precisar desenvolver. Soube naquele momento que eu estava pronto para colocar meu bebê nas mãos competentes de David.

Estamos encantados com o fato de a história de Sarah Lund chegar a um público maior por meio da página impressa, dos e-books e audiobooks e prevemos que o segundo livro da série fará tanto sucesso quanto o primeiro. Espero que vocês apreciem.

Tak

Søren Sveistrup

A vida só pode ser entendida olhando-se para trás;
mas deve ser vivida olhando-se para a frente.

Søren Kierkegaard

Principais Personagens

Polícia de Copenhague

Sarah Lund – *ex-Vicekriminalkommisær (um cargo agora conhecido como Vicepolitikommisær), departamento de homicídios*

Lennart Brix – *chefe, departamento de homicídios*

Ulrik Strange – *Vicepolitikommisær, departamento de homicídios*

Ruth Hedeby – *comissária adjunta*

Madsen – *detetive, departamento de homicídios*

Svendsen – *detetive, departamento de homicídios*

Erik König – *chefe do Politiets Efterretningstjeneste (PET), a agência de segurança nacional interna, um braço separado do serviço de polícia*

Folketinget, o Parlamento dinamarquês

Thomas Buch – *ministro da Justiça recentemente nomeado*

Karina Jørgensen – *secretária pessoal de Buch*

Carsten Plough – *secretário permanente de Buch, um funcionário público veterano*

Erling Krabbe – *líder do Partido Popular*

Birgitte Agger – *líder do Partido Progressista*

Flemming Rossing – *ministro da Defesa*

Gert Grue Eriksen – *primeiro-ministro*

Frode Monberg – *ex-ministro da Justiça*

Exército dinamarquês

Jens Peter Raben – *ex-sargento*

Louise Raben – *esposa de Raben, enfermeira do Exército*

Coronel Torsten Jarnvig – *pai de Louise Raben*
Major Christian Søgård
Allan Myg Poulsen – *ex-companheiro de Raben*
Lisbeth Thomsen – *ex-companheira de Raben*
David Grüner – *ex-companheiro de Raben*
General Jan Arild – *chefe assistente de equipe, quartel-general do Exército*
Gunnar “Padre” Torpe – *ex-clérigo do Exército, agora pastor civil*
Torben Skåning – *ex-capitão*
Frederik Holst – *médico do Exército*
Peter Lænkholm – *ex-tenente*

Outros

Anne Dragsholm – *advogada e ativista*
Stig Dragsholm – *marido de Anne Dragsholm*
Abdel Hussein Kodmani – *ativista islâmico*
Connie Vemmer – *jornalista, anteriormente assessora de imprensa do
Ministério da Defesa*

Um

Quinta-feira, 3 de novembro

23h42 Trinta e nove degraus se elevavam da rua movimentada de Tuborgvej até Mindelunden, com seus túmulos silenciosos e memórias amargas. Lennart Brix, chefe do departamento de homicídios de Copenhague, sentia que havia passado a maior parte de sua vida subindo aquela escada.

Debaixo do arco da entrada, se protegendo da chuva gelada, ele não podia evitar se recordar daquela primeira visita, quase cinquenta anos antes. Um garoto de 5 anos que segurava a mão de seu pai, praticamente incapaz de imaginar o que estava prestes a ver.

A morte estava tão distante de uma criança quanto um pesadelo ou conto de fadas. Mas aqui, nesse parque solitário encurralado entre o tráfego e a linha ferroviária em Østerbro, ela parecia esperar deitada como um fantasma faminto, escondida nas sombras atrás de lápides e estátuas, sussurrando os nomes talhados nos memoriais de pedra fria que cobriam as paredes.

Brix, um homem alto e sério que não era afeito a fantasias e ilusões, secou o rosto com a manga do sobretudo. O ritual familiar do departamento de homicídios estava em curso. Oficiais de uniforme preto subiam e desciam os degraus carregando luzes e equipamentos como assistentes de palco se preparando para uma apresentação. Rádios estavam. Homens faziam perguntas previsíveis às quais ele dava respostas previsíveis com um aceno rápido da mão.

Mindelunden.

Uma memória perturbadora, um medo insistente que tinha permanecido com ele desde então.

— Chefe?

Madsen. Um bom policial. Não muito brilhante, mas jovem e entusiasmado.

— Onde ela está? — perguntou Brix.

— No pior lugar. Você quer...?

Brix começou a subir os degraus, chegou ao topo da escadaria e saiu em direção à noite escura e tempestuosa. À sua esquerda, a longa fila de placas comemorativas parecia se estender infinitamente, nome atrás de nome, 151 ao todo, apenas alguns dos partisanos assassinados durante cinco anos de ocupação nazista. Foram muitos mais, seu pai disse naquele dia ensolarado, 5 de maio, meio século antes, quando cada casa e apartamento tinha velas em suas janelas para recordar aqueles que haviam morrido.

Em sua cabeça ele estava de volta àquela manhã e a seu silêncio perfurante. Com o chapéu na mão, indo em direção à estátua de uma mulher segurando seu filho morto, embora o menino Brix pudesse ver pouco além dos túmulos à sua frente, fileira atrás de fileira de túmulos de pedra bem cuidados, cada um com um vaso comemorativo, todos extremamente bem cuidados, como continuariam a ser, seu pai prometeu, para sempre.

Naquele dia distante, a criança que era Lennart Brix teve seu primeiro encontro com a criatura sombria chamada mortalidade e passou a compreender que sua eterna presença cinza o seguiria daquele momento em diante. Ela ainda estava lá nos olhos de pedra frios e cegos da mulher confortando o filho perdido. Nos nomes entalhados nas placas de mármore. A morte espreitava como um animal selvagem, se escondia nas sombras da pequena floresta além dos túmulos organizados, à espera da oportunidade de escapar para a cidade.

— Chefe?

Madsen estava ficando impaciente. Ele tinha todo o direito. Lennart Brix sabia onde era o pior lugar e, apesar de todos os seus anos no departamento de homicídios, não queria ver aquilo.

— Pegamos o marido. Uma viatura o parou dentro de um carro na ponte para Malmö. Coberto de sangue. Balbuciando como um lunático.

Os nazistas tomaram Mindelunden quando assumiram o controle do quartel vizinho de Ryvangen em 1943, enquanto o cerco a Copenhague apertava. Nos prédios do exército do outro lado da linha do trem, estabeleceram um centro de comando. Aqui, na terra plana que um dia havia sido usada para desfiles e exercícios, eles levavam prisioneiros partisans até o campo de treinamento de tiro e os executavam.

Madsen batia os pés nas pedras do calçamento e soprava as mãos.

— Acho que isso significa que metade do trabalho está feita.

Brix apenas olhou para ele.

— O marido — repetiu o jovem oficial com óbvia impaciência. — Está coberto de sangue.

Dois anos antes, quando, meio sem saber, eles seguiam com dificuldade na direção do divórcio, Brix tinha levado sua esposa para conhecer Mindelunden. Foi uma tentativa inútil de fazê-la se interessar por sua cidade natal, de impedi-la de voltar para casa de uma vez por todas. Ela era de Londres, o que significa que nunca havia compreendido completamente o contexto do local. Você precisa ser dinamarquês, levado até aqui obedientemente por um pai de expressão séria para isso.

Os ingleses conheciam o significado da guerra, mas eram ingênua e perigosamente ignorantes quanto à natureza da ocupação. Para eles, e para os americanos também, conflitos ocorriam em outros lugares, eclodiam como incêndios à distância, depois eram apagados e as brasas e cinzas permaneciam sobre terras estrangeiras. Era diferente para os dinamarqueses de uma forma que ele nunca poderia explicar. Eles tinham lutado o melhor que puderam quando os alemães chegaram à Jutlândia em 1940. Então, durante algum tempo, silenciosamente cederam em troca de uma aparência de normalidade, de uma farsa de independência numa Europa destruída pela guerra, uma nova e cruel paisagem que os nazistas pareciam destinados a dominar.

Quando os judeus começaram a desaparecer e bandos ousados de partisans começaram a perceber o que estava acontecendo, que as coisas estavam mudando. Alguns se rebelaram, pagando o preço mais alto, sendo torturados em celas no Politigården, o quartel-general da polícia onde Brix agora trabalhava, depois levados até Mindelunden, amarrados

numa estaca presa ao solo junto a uma muralha coberta de grama feita para alvos que não eram humanos, que não respiravam.

Ele ainda podia ouvir o pai descrevendo a cena em maio de 1945, quando ocorreu a libertação. Os alemães se apressaram para assassinar tantos prisioneiros quantos pudessem naqueles últimos meses. Cadáveres em decomposição foram parcialmente enterrados em campos abertos, abandonados na pressa.

Eles não morreram facilmente, assim como a experiência da ocupação. Aquela mistura de raiva e pesar e uma sensação secreta de vergonha ainda pairavam no ar. Quando era criança, tremendo em frente àquelas três estacas preservadas como memoriais diante da muralha gramada da área de treinamento de tiro, Lennart Brix tinha se perguntado: será que ele teria aquela coragem? Ou teria cedido e permanecido vivo?

Aquela era a pergunta que todos que seguiram estavam destinados a fazer. Mas raramente em voz alta.

O latido de um cachorro interrompeu seu devaneio. Brix olhou para os peritos forenses, em seus macacões brancos e em suas toucas, marchando com expressões sérias pelas fileiras de túmulos, andando em direção ao espaço na pequena floresta onde o restante da equipe estava reunido.

Talvez, pensou, aquele momento cinquenta anos antes tenha determinado seu futuro como detetive. Como alguém que procurava razões quando nenhuma parecia facilmente disponível.

— Chefe?

O rosto de Madsen estava cheio do entusiasmo lascivo que ele esperava de seus homens. Eles precisavam sentir a fome, a necessidade da caça. Todos os detetives eram caçadores. Alguns melhores do que outros, embora a melhor que ele já tinha encontrado estivesse agora desperdiçando sua vida e seu talento usando um uniforme de patrulha da fronteira num canto remoto da Zelândia.

Brix não respondeu. Seguiu em frente, sabendo que não tinha como fugir daquilo.

Um retângulo plano de grama, com bordas elevadas em três lados, mais alto na ponta estreita e coberto de lama por causa das botas de policiais que pisavam ali.

A luz dos holofotes era tão forte que parecia que uma lua cheia pairava logo acima deles. Fora do alcance da luz e com lanternas levantadas sobre suas cabeças, mais homens começavam a investigar pacientemente a área ao redor.

Três estacas contorcidas, réplicas agora, pois as originais estavam no pequeno museu da Resistência na cidade, o Frihedsmuseet. Uma mulher estava amarrada à estaca central, mãos atrás das costas, presa com uma corda pesada em volta do torso. Cabelo louro encharcado pela chuva e outras coisas piores, cabeça baixa, queixo no peito, agachada de forma desajeitada sobre os joelhos.

Um ferimento grande no pescoço como um segundo sorriso doentio. Ela estava usando uma camisola azul rasgada em várias partes que descia até a cintura, com carne e pele visíveis onde a lâmina frenética a tinha atingido. Seu rosto estava machucado e sujo. Sangue escorria de suas narinas, já seco nas laterais de sua boca, como maquiagem num palhaço trágico.

— De quinze a vinte ferimentos no peito e no pescoço — informou Madsen. — Ela não foi morta aqui. O marido ligou avisando que chegou em casa e encontrou o lugar coberto de sangue. Nenhum sinal dela. Depois pegou o carro e saiu.

Ele se aproximou para olhar melhor.

— Então é assim um crime passional.

O cachorro estava ficando agitado.

— Alguém pode fazer aquele animal ficar quieto? — pediu Brix.

— Chefe?

— Leve o marido para ser interrogado. Vamos ver o que ele tem a dizer.

Madsen trocava o peso do corpo de um pé para o outro.

— O senhor não parece muito seguro.

— Ela é advogada. Ele também. Não é?

— Isso mesmo.

Brix olhou fixamente para o corpo cortado e mutilado na estaca.

— Aqui? — disse ele, balançando a cabeça. — Entre tantos lugares? Não faz sentido.

— Matar pessoas não faz sentido, faz?

Até faz, pensou Brix. Às vezes. Aquilo era um trabalho para um detetive. Encontrar a lógica no sangue e nos ossos.

Ele não conseguia parar de pensar na oficial que tinha perdido, Sarah Lund, e em como ela estava desperdiçando sua vida em Gedser. Brix se perguntou o que ela pensaria de uma cena como esta. As perguntas que ela poderia fazer, os lugares onde procuraria. Algo que ele próprio tinha encontrado aqui fazia cinquenta anos deveria ter lhe dado aquele maldito dom também, e de certo modo, tinha. Mas seu talento não era como o de Lund. Ele podia falar com os mortos, tentar imaginar suas respostas.

Ela...

O severo e alto chefe do departamento de homicídios de Copenhague queria muito sair dali. O lugar afetava seu julgamento, seu precioso raciocínio.

De uma forma que ele nunca poderia compreender, Lund era capaz de ouvi-los falar.

— O que o senhor quer que eu faça? — perguntou Madsen novamente.

— O que acabei de dizer. Leve o marido à delegacia.

Ele voltou pelo caminho estreito e enlameado, pelo campo de lápides, pelos nomes na parede, pela estátua da mãe segurando o filho assassinado, a placa memorial com os versos patrióticos de um pastor esquisito chamado Kai Munk, trucidado pela Gestapo numa noite escura de janeiro perto de Silkeborg, na Jutlândia, havia muito tempo.

Ele desceu os degraus de concreto com cuidado, da mesma forma que tinha descido quando tinha 5 anos e foi embora deste lugar, enjoado e tonto, ciente de que o mundo não era o reino seguro e feliz que acreditava ser e que uma sombra esperava por ele, como esperaria por todos um dia.

No pé da escada, Lennart Brix olhou para a esquerda, se assegurando de que ninguém o estava vendo. Andou até o arbusto próximo à rua movimentada e fez o mesmo que tinha feito tantas décadas antes: vomitou no canteiro sujo, coberto de lixo, cheio de garrafas descartadas e guimbas de cigarro.

Então ficou sentado, em silêncio e deprimido em seu carro sem identificação, debaixo da luz azul giratória, escutando as sirenes e o burburinho das estações de polícia, desejando ter a fé para rezar para que Madsen estivesse certo. Que este fosse um interlúdio doméstico particularmente violento que seria concluído de forma rápida e limpa.

Um crime passional e nada mais.